



Birgit Keil e Egon Madsen no bailado Jex de Cartes, de Stravinsky e Cranko



A brasileira Márcia Haydée e Richard Cragun, em Romeu e Julieta, de Prokofiev e Cranko

A ABSTRATA POESIA DO “BALLET”

RENZO MASSARANI



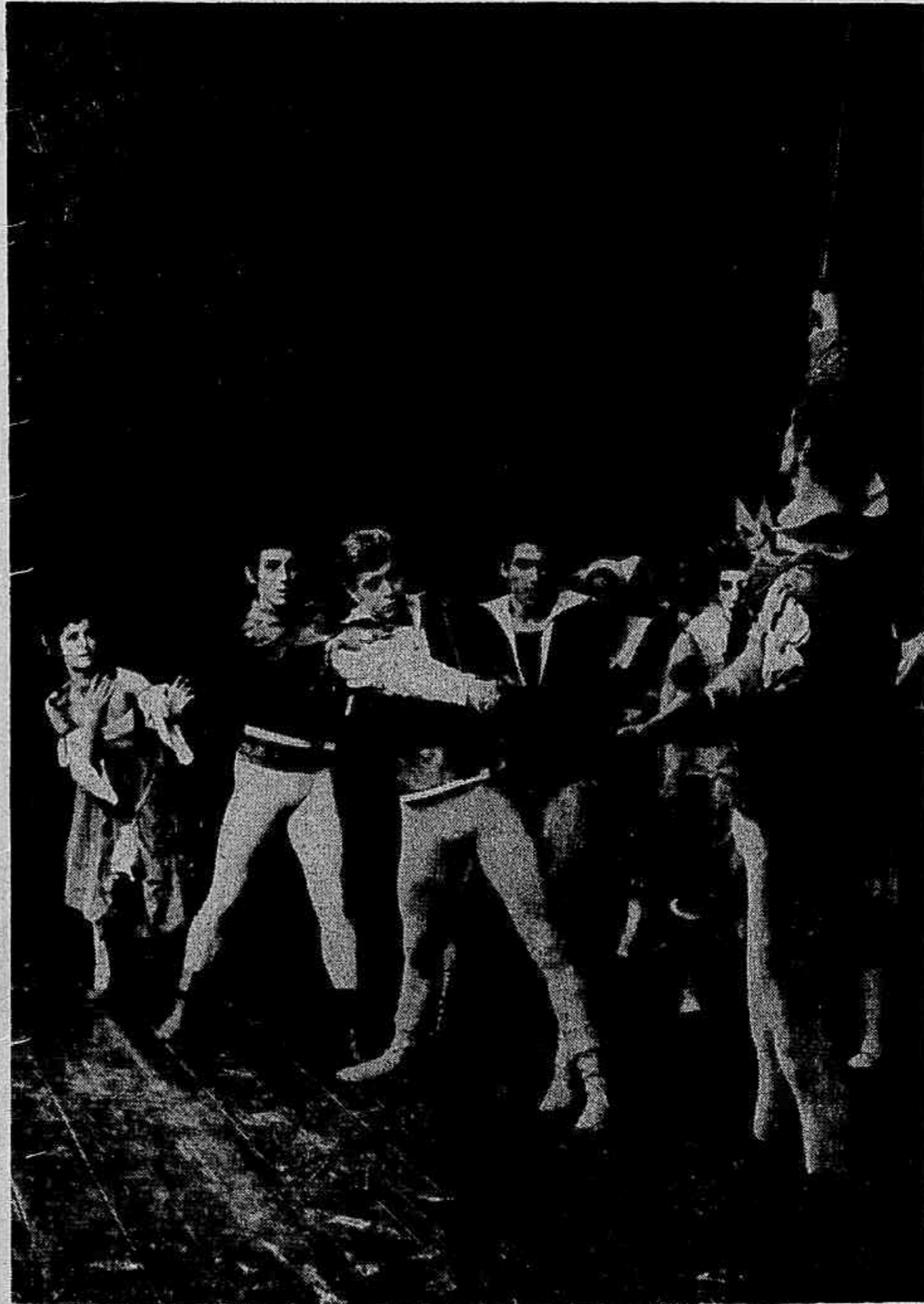
O Teatro Municipal estará apresentando a partir de manhã, e até a próxima segunda-feira, o grande conjunto do Ballet de Stuttgart, um espetáculo em que a coreografia se alia ao alto nível de seus intérpretes, entre os quais o nome da bailarina brasileira Márcia Haydée ocupa o primeiro lugar.

No programa inaugural, o Ballet realizará — numa edição totalmente diferente da recente dos russos — Romeu e Julieta, de Serge Prokofiev, sob a batuta do maestro Jorge Dunnwald, cenários e costumes de Jurgem Rose, coreografia e encenação de John Cranko; dia 26, L'Estro Armonico, de Antonio Vivaldi, coreografia de John Cranko, com Giselle, de Adolphe Adam, cenários de Peter Wricht, coreografia de Jean Coralli e Jules Perrot; dia 29, em último espetáculo de assinatura, o programa mais interessante e expressivo, com Divertissement (extrato do Quebra-Nozes, de Tchaikovsky, coreografia de Cranko, cenários e costumes de Ralph Adron); Opus 1, música de Anton von Webern, coreografia de Cranko; Pas de Deux, de Edward Grieg, cor. de Cranko; Salade, de Darius Milhaud, cor. de Cranko, costumes de Elizabeth Dalton; Jex de Cartes, de Igor Stravinsky, cor. de Cranko, costumes de Dorothee Zipel.

O segredo da Companhia de Stuttgart — possivelmente, hoje, a melhor da Alemanha Ocidental — está na grande variedade do repertório que, apoiando-se em músicas de diferentes épocas e países, sabe alternar harmoniosamente o clássico-romântico com o atual; com Mozart, Tchaikovsky, Adam, Verdi, Delibes, Glazunov, Vivaldi, Chopin, Rossini, Mahler e Lalo, a Companhia realiza Britten, Stravinsky, Webern, Theodorakis, Milhaud, Prokofiev, Mompou, Bartok, Martin, Zimmermann. Entre as 80 figuras do conjunto, o lugar de prima bailarina é ocupado pela brasileira Márcia Haydée, carioca autêntica que, depois de ter estudado em Londres, na escola do Royal Ballet, atuou com o Marquês de Cuevas para sucessivamente passar ao teatro de Stuttgart. Entre os outros solistas, há Birgit Keil, Judith Reyn, Egon Madsen, Richard Cragun, Heinz Clauss, Bernd Berg, Jan Stripling; entre os segundos solistas, há Ruth Pependick, Susanne Hanke, Truman Finney, John Neumeier e David Sutherland. O próprio coreógrafo da maioria das obras do repertório da Companhia, John Cranko, é também o diretor do

Ballet; Anne Woolliams é a diretora daquela Escola; a orquestra do Teatro será regida pelo maestro Josef Dunnwald.

Quando (em novembro de 1967) o Ballet de Stuttgart abriu em Paris o VI Festival Internacional de Dança, o ilustre crítico de Le Figaro Littéraire, Claude Rostand, publicou um grande retrato de Márcia Haydée, acompanhado por um longo artigo; eis alguns trechos: “John Cranko, procedente do Sadler's Wells e da Ópera de Wurttemberg, evidencia suas possibilidades, uma arte muito característica e um estilo fantasioso. Romeu e Julieta é um bailado do qual o público gosta e uma das piores obras de Prokofiev (...). Acho que Cranko, depois das precedentes coreografias de Lifar, Lavrosky e de Labisse, foi quem soube encontrar as melhores soluções (...). Além disso, este Romeu e Julieta nos oferece uma ótima Julieta; a dançarina Márcia Haydée é artista de um grande relevo fascinador; ela não insiste nem sublima mas, usando pequenos e nervosos pormenores, dá uma sua poesia ao personagem e, até, ao bailado todo (...). O segundo programa da Companhia de Stuttgart abre-se com um lindíssimo bailado cheio de caráter L'Estro Armonico, sobre três concertos de Antônio Vivaldi; Cranko lembra um pouco Balanchine usando uma abstração nunca pedante nem pretenciosa (...). Foi uma ótima idéia a de ter reexumado a Passacaglia op. 1, de Anton von Webern, para criar um bailado abstrato, também porque os regentes de concertos sinfônicos teimam em ignorar estes dez minutos de música extraordinária na qual — entre Brahms e Weill — a personalidade do músico vienense já aparece evidente; Cranko soube realisar uma síntese vibrante e moderna (...). O programa conclui com uma nova versão do célebre Jeu de Cartes, de Igor Stravinsky. Com esta prodigiosa partitura (...), Cranko realizou uma paródia, com grande espírito e fantasia.”



Egon Madsen em Romeu e Julieta



Michael Zagarell, Gus Hall e Charlene Mitchell anunciam a candidatura

Desde 1940, o Partido Comunista Americano não concorria às eleições presidenciais. Agora, terminada a convenção, dois candidatos foram apontados: Charlene Mitchell, 38 anos, para a Presidência, e Michael Zagarell, 23 anos, na vice. A candidata comunista, negra, não acredita em sua eleição: "Estamos apenas dando uma possibilidade às pessoas de votarem no comunismo."

CONCORRER POR CONCORRER

UPI, especial para o JORNAL DO BRASIL

Preocupações com as mães e tortas de maçãs, conhecidos símbolos dos políticos americanos, também fazem parte da campanha da Sra. Charlene Mitchell, candidata do Partido Comunista Americano à Presidência dos Estados Unidos. Desde 1940, o PCA não apontava nenhum candidato à corrida presidencial.

Aos 38 anos, Charlene Mitchell representa uma tripla minoria: é negra, mulher, comunista. E, sorrindo, declara que não pensa em vencer, mas apenas "em dar uma possibilidade às pessoas de votarem no comunismo."

Bonita, parecendo dez anos mais nova, mora em Los Angeles em uma casa de dois quartos, quarto de empregada, e em seu quintal existem um limoeiro, um abacateiro, além de um cachorro. "Gosto de arte, declara Mitchell, e, se fosse rica, teria uma bela coleção. Quanto à música prefiro o jazz, especialmente Miles Davis. Já fui louca por Charlie Parker. Gosto também, mas não muito, de Dave Brubeck." Aos domingos, único dia da semana que tem livre, prepara o breakfast da família e brinca com o filho.

Charlene Mitchell trabalhou, normalmente, a maior parte de sua vida, e, desde 1960, trabalhava em uma livraria, até que, há três meses, partiu para Nova Iorque a fim de ingressar no Comitê Central.

Sua carreira tem início, ainda adolescente, em Chicago: "Quando eu tinha 13 anos, comecei a participar das lutas pelos direitos civis; em 1943, ingressei no Movimento da Juventude pela Democracia e, em 1946, aos 16 anos, entrei para o Partido. Naquela

época, a maior parte das pessoas envolvidas nas lutas pelos direitos civis estavam no Partido, e depois que comecei a me encontrar com eles tive acesso aos livros, vindo depois a inscrição."

Suas atividades têm-se concentrado nos Estados Unidos. Apenas uma vez, em 1960, realizou uma viagem à Rússia e à Tcheco-Eslôvaquia. Na década de 50, Mitchell foi enviada a Los Angeles, a fim de organizar os movimentos jovens ali sediados. Em 1956 ingressa na NAACP, no início de 60 no CORE. Mas os membros das duas correntes pelos direitos civis — que não gostam de ter seus nomes ligados ao comunismo — declararam que não "se lembram de Mitchell".

— Não sei se eles sabiam que eu era comunista ou não. Nunca disse nada a ninguém sobre esse assunto. Eu poderia ter perdido o meu emprego, o que não me interessava, como ocorreu

uma vez, quando um agente do FBI disse a meu patrão que eu era membro do Partido.

— Quanto à minha família, minha crença política não tem me trazido maiores problemas. Partimos do princípio de que cada um tem o direito de pensar como quer. Meu filho, Steven já esteve envolvido em passeatas, nas mais diversas demonstrações. Ele me disse que se negará, definitivamente, a ir para o Vietnã. Tenho certeza de que a minha indicação para a Presidência o surpreendeu, mas quando o chamei, em um domingo à noite, e contei-lhe tudo, me pareceu satisfeito. Não creio que minha candidatura possa prejudicá-lo. Os jovens de hoje estão muito mais arejados e, muitos de seus amigos têm vindo me visitar.

A CAMPANHA

A Sra. Mitchell e Michael Zagarell, um jovem de 23 anos e seu companheiro de chapa, se mostraram tão surpresos com suas indicações quanto o filho de Charlene: "Não estávamos realmente ansiosos por conseguir vencer a convenção, mas quando nos disseram que representaríamos uma luta mais efetiva contra a guerra do Vietnã e o racismo, aceitamos prontamente."

— É claro que é absolutamente impossível para um negro aspirar à Presidência, mas quanto ao fato de ser mulher, isto, a rigor, não representaria um problema maior porque 50% do eleitorado são femininos. Se as mulheres resolvessem se unir e participar ativamente da vida americana — poderiam manter seus maridos e filhos em casa, lutar pela melhoria das habitações, por melhor alimentação — elas poderiam

votar nos candidatos que, também, lutam por estas coisas.

Quando ela fala à imprensa, se apresenta apenas um pouco mais radical que a maior parte dos elementos conservadores que estão nas fileiras dos Direitos Civis. Seus discursos — deliberadamente ou não — estão muito afastados dos tradicionais slogans do Partido, o que parece caracterizar uma nova literatura partidária, incluindo a plataforma presidencial para 1968.

A plataforma do Partido, ao analisar os Estados Unidos, dizem: A Intervenção Imperialista em Outros Países: "Nossos capitalistas são agressores. Os investimentos estrangeiros de Wall Street não são nossos investimentos."

"Nossa plataforma, diz a candidata presidencial, é a de que não achamos que os maiores conflitos deste país — guerra do Vietnã e racismo — possam ser resolvidos enquanto estivermos sob o jugo do capitalismo."

A luta presidencial para o Partido Comunista, apenas se inicia. Acredita-se que sejam mínimas as probabilidades de conseguirem igualar o recorde de votos conseguido em 1932, na eleição presidencial.

— Naqueles dias tínhamos uma larga esfera de votos. Estávamos no auge da depressão, e as campanhas não eram tão caras e sofisticadas como atualmente.

Em 1932, o PCA conseguiu 102 991 votos.

Segundo os dados oficiais, o Partido conta atualmente entre 13 mil e 14 mil membros. Para o restante do país, no entanto, lamenta a candidata presidencial: "não somos gente. Eles acham que viemos de outros planetas."

PANORAMA

DAS ARTES

PAINEL — Glauco Rodrigues conquistou o segundo prêmio (cerca de 1 500 dólares) no Festival de Artes Plásticas de Cali, na Colômbia — A Galeria Dezon (Copacabana 1133, loja 12) inaugurou sua nova fase com exposição de paisagens de Izrael Szajnbrum. Pintor com métier que precisa libertar-se do demônio da decoração (e talvez do comércio fácil) para descobrir um verdadeiro caminho Edila Mangabeira assumiu a direção do Departamento Cultural do Instituto Brasil-Estados Unidos. Ótima aquisição para o IBEU — Ana Rosa organizando mais uma de suas exposições itinerantes. Desta vez será em Campos. Novos artistas que participarão desta vez: José Carlos Nogueira da Gama, Jacinto de Moraes e Januário. — Recebemos o **Correio de Mangaratiba**, dirigido pelo jovem poeta Emil de Castro. — Cartão de Jaime Maurício: "Poeta e crítico — venha de qualquer maneira ver três mostras que lhe darão de forma concreta a visão da revolução estética de hoje: Bienal de Veneza, Documenta em Kassel e Trienal de Milão" — Editora Bloch anunciando o lançamento de **Artes Plásticas na Escola**, de Alcídio Mafra de Sousa, professor com cursos especializados no Brasil e no exterior — Isa Aderne Vieira ministrando no Museu Histórico Nacional um curso Origem, Evolução e Técnica da Xilogravura. — A Galeria del Naviglio, em Milão, expõe trabalhos de André Verdet. O pintor é também autor de uma importante obra poética, além de fazer cinema, cerâmica e tapeçaria.

PINTURA E DOCUMENTAÇÃO

— O pintor José Lima (que não é o gravador tão conhecido e premiado) tem-se dedicado àquele ramo da pintura que se insere diretamente no item da documentação. Como Romeo de Paoli, que preserva didaticamente os casarios e fachadas coloniais, José Lima pinta interiores de igrejas. Já pintou, entre outras, as igrejas de São Francisco (Salvador), São Bento (Rio), Carmo (Salvador), São Pedro (Recife), Conceição dos Militares (Recife), São Francisco (Recife), Nossa Senhora das Neves (Penedo, Alagoas), São Cristóvão (Sergipe), Carmo (Ouro Preto), São Francisco (Ouro Preto), Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto). Decorou a igreja de São Januário, em São Cristóvão, executando três mil metros quadrados de pintura. José Lima nasceu na Bahia, viveu no Recife e depois no Rio. Estudou na Escola de Belas-Artes de Salvador, onde foi aluno de Presciliano Silva. Muitos de seus quadros podem ser vistos na Galeria N. S. da Paz (Maria Quitéria, 67) em Ipanema.

FESTA NA VARANDA — Na Galeria Varanda houve a cerimônia de entrega de quadros doados ao Museu da Imagem e do Som. Trabalhos de Meireles, Romeo de Paoli, Isolda Grover Chapman e Holmes Neves. Notável o quadro de Meireles que passa para o acervo do Museu da Imagem e do Som. A novidade é a chegada da pintora Isolda que, depois de longa temporada nos Estados Unidos, vem para ficar. Por falar em vir para ficar, quem já chegou também é o crítico Jaime Maurício. Mas está-se escondendo, talvez para descansar. E com razão, pois não deve ter tido pouco trabalho com a tumultuada Bienal de Veneza.

OURO PRETO — O Curso de Artes Plásticas do Festival de Inverno em Ouro Preto, sob a direção da Escola de Belas-Artes da Universidade de Minas Gerais, teve orientação do professor Haroldo de Almeida Matos. Os professores foram: Haroldo de Almeida Matos, Eduardo de Paula, Alvaro Brandão, Apocalipse, Jarbas Juarez Antunes, Iara Tupinambá e José Lima.

ESCALA E PIADA — A Galeria Escada se manifesta em tom de piada, quando publica catálogo da pintora americana Marie Augusta Kaufman, residente em São Paulo. Acontece que o catálogo-convite é inteiramente redigido em inglês; sem uma palavra em português, acredite quem quiser. Será que a Galeria Escada teve um sonho da carochinha e pensou que estava nos Estados Unidos?

W.A.



